

Uma visão bio-bibliográfica de Eurico Santos: divulgador da natureza brasileira



Fernando Costa Straube

“É grande o folclore das aves e tão grande que sobre ele se escreveria um livro. Na impossibilidade de fazê-lo, vamos aludir resumidamente a algumas histórias de aves, cujo motivo é a rivalidade entre elas, por vezes desentendimentos de velhos amigos, desavenças domésticas.

Não há pelas vastas terras do Brasil, onde canta o jaó e alterca a perdiz, caipira, tapiocano, capiau, manojuca, jeca, guasca, que ignore a lendária briga em que se desavieram, faz séculos, aquelas duas boas e velhas amigas.

Reza assim, muito simplesmente, a tal história:

Houve um tempo, quando todos os bichos eram falantes, que o jaó e a perdiz viviam em santa e boa camaradagem, percorrendo os campos, excursionando na mata como dois irmãos que se quisessem muito.

Motivos decerto respeitáveis, mas desconhecidos, coisas de família, certamente, desataram os laços daquela amizade e os dois não mais se falaram e até, para evitar encontros, um foi viver na mata e outro ficou habitando o campo.

Às vezes, ao cair da tarde, quando a serenidade da antenoite começa a baixar nos campos, anda o jaó reconciliante, pelas orlas da mata, interrogando em voz dorida e plangente:

- "Eu nunca mais!"

Assim interpreta o homem do campo as vozes daquelas aves e, desse modo, explica-lhes a distribuição geográfica, pois o jaó vive somente na mata e a perdiz lá não entra, flanando pelas campinas, aí dormindo, pondo, incubando e criando os filhos.”

Resumo:

EURICO DE OLIVEIRA SANTOS nasceu no dia 28 de junho, na cidade do Rio de Janeiro. Embora geralmente nos dê a impressão de ser um autor bem mais recente, ele nasceu no mesmo ano (1883) que Rodolpho von Ihering e entre os nascimentos de Carl Hellmayr, Arnaldo de W.Bertoni, Tadeusz Chrostowski (todos de 1878), Arthur Neiva (1880), James Lee Peters e Erwin Stresemann (1889). Desta forma, veio ao mundo pouco depois do falecimento de grandes mestres como Peter W.Lund e Francis de Castelnau (1880), John Gould (1881) e Charles Darwin (1882).

Dentre alguns estudiosos com quem dividiu época, estão: Hermann von Burmeister, Fritz Müller, Alfred R. Wallace, Henry Ba-

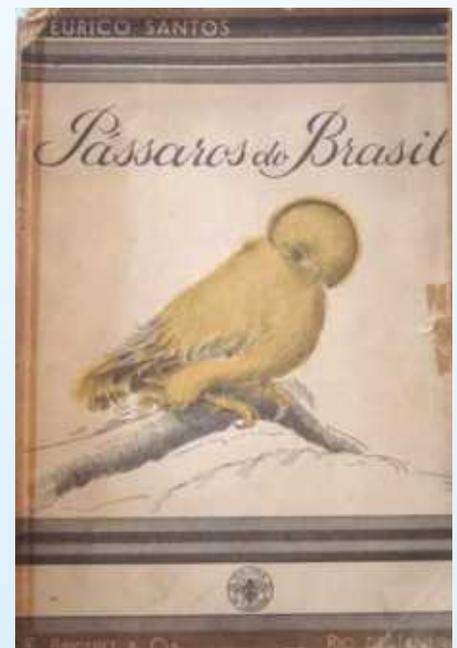


FIGURA 1. Eurico Santos na década de 60 (fonte: Nomura, 2005) e as capas das primeiras edições (1938 e 1940) dos livros “Da ema ao beija-flor” e “Pássaros do Brasil”, ambos editados pela F.Bríguiet.

tes, Auguste von Pelzeln, Philip L. Sclater, Emilie Snethlage, Carl Euler, Roberto Ridgway, Hermann von Ihering, Hans von Berlepsch, Adolfo Lutz e Emil Goeldi que destacavam-se cientificamente durante sua infância e juventude. Nesse tempo, estudava no Mosteiro de São Bento em São Paulo e, por influência de seu entrosamento com vários jornalistas da época, assumiu o esse ofício, que foi exercido por mais de 40 anos (Nomura 2005). O curso de Agronomia, iniciado no começo do Século 20, parece não ter sido concluído (Gonçalves 1978).

Trabalhou nos “Diários Associados”, imensa cooperativa de imprensa dirigida por Assis Chateaubriand (1892-1968) que agregava empresas de rádio, televisão e mídia impressa. Nesse período, em particular a partir do início do Século 20, os jornais passaram a apresentar um caráter menos artesanal e mais empresarial. Assim, os textos foram se tornando mais abrangentes, com a linguagem menos voltada à literatura e subdivididos em seções, facilitando o acesso e leitura aos temas de mais interesse. Essa cooperativa, aliás, foi um dos meios que impulsionaram as carreiras de artistas e escritores famosos como Millôr Fernandes, Cândido Portinari e Di Cavalcanti.

Observava-se um crescimento vertiginoso dos órgãos de imprensa e foi exatamente quando a comunicação passou – no País – a tornar-se muito mais acessível à população. Esse padrão por certo influenciou Eurico, que encontrara um estilo de escrita ainda não explorado pelos estudiosos da ciências biológicas de então.

Segundo Nomura (2005), ele colaborou com os jornais “Imprensa”, “Gazeta e Notícias” e “O Jornal” (adquirido por Chateaubriand em 1920), sendo que – neste último – fundou a seção agrícola “Vida nos Campos” que perdurou por mais de 30 anos. Também colaborou com as revistas “Chácaras e Quintais”, “Fauna”, “Caça e Pesca” e “Sítios e Fazendas” e fundou e dirigiu “A Fazenda”, “A Fazenda Moderna”, “O Campo” e “Seleções Agrícolas”.

Na concepção de Eurico Santos, “era indispensável que entre os cientistas e o público houvesse um intermediário: o divulgador (Duarte 2006)”. De fato, durante sua fase produtiva, que se estendeu de 1927 a 1966, ele conviveu com as idéias de Alípio de Miranda-Ribeiro, Carlos Chagas, Cândido de Mello Leitão, Ângelo M. da Costa Lima, Lauro Travassos, Bertha Lutz, Afrânio do Amaral, Olivério M.O. Pinto e Carlos O.C. Vieira, sendo que - com alguns destes - teve contacto e mesmo relacionamento mais próximo. Arthur Neiva, por exemplo, é quem assina, na data de 3 de junho de 1939, o prefácio de seu “Pássaros do Brasil” (1940); outras menções a esse respeito estão na obra “Da ema ao beija-flor” (1938):

“Mas que sabemos nós da vida e costumes de tão copiosa multidão de formas e inumeráveis indivíduos?”

O pouco, o pouquíssimo, relativamente, que nos contou Goeldi na sua inestimável e esgotada obra 'Aves do Brasil' e as escassas informações de mais dois ou três divulgadores. [...] Neste particular citarei, em primeiro lugar, entre os modernos, H. von Ihering, Emília Snethlage, Alípio de Miranda Ribeiro e, mais recentemente, Olivério Pinto, que são os mestres incontestáveis da ornitologia brasileira”.

Com o grande divulgador José Reis, dividiu interesse na avicultura e veterinária de aves; na mesma época em que este publicou “No início da Estação Avícola de 1932: algumas sugestões aos avicultores brasileiros” (Revista “Chácaras e Quintais”) (Nunes 2006), Santos lançava com Eusébio de Queirós o seu “Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia” (“Editora O Campo”).

Outra mostra de sua ligação com centros científicos da época foi sua filiação a várias entidades, como o Clube Zoológico de São Pau-

lo, *Sociedad Ornitologica del Plata* (atualmente *Aves Argentinas*), Comitê Internacional para a Preservação das Aves (CIPA), Sociedade Nacional de Agricultura, Sociedade Brasileira de Avicultura, Sociedade Brasileira de Entomologia, Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza e várias outras (Gonçalves 1978).

Eurico foi uma influência imensa na formação de estudiosos que atuam na Ornitologia e em vários outros campos da ciências naturais no Brasil de hoje em dia. Segundo Nomura (1997), suas obras “despertaram muitas vocações adormecidas”, talvez justamente por causa do seu “estilo simples e muito agradável” mantido em sua meia centena de livros, “alicerçados em trabalhos científicos, sempre solicitando a opinião de especialistas em cada assunto particular que abordava”.

As notas e referências bibliográficas apresentadas em seus livros são esclarecedoras: consultava obras de muitos autores brasileiros e também periódicos estrangeiros, já disponíveis em apenas algumas bibliotecas daquela época. Era de seu interesse a divulgação da natureza do Brasil entre as pessoas, mas com suporte técnico embasado por pesquisas profundas em tudo o que existia de conhecimento naquela época. Ainda no prefácio assinado por Arthur Neiva (“Pássaros do Brasil”, 1939), um detalhe pouco lembrado, mas de grande importância histórica:

“De tudo isso, e muito mais também, é sabedor Eurico Santos, que aproveitou o melhor das informações para suas excelentes obras. A preocupação de acertar é tão constante que deu no índice de seu trabalho 'Da ema ao beija-flor', as correções introduzidas na sistemática pelo último e valioso catálogo de aves aparecido, qual o de Olivério Pinto, que põe em dia todas as alterações da nomenclatura”.

Esse cenário cronológico é importante para definir-lhe o perfil, justamente porque a idéia que se faz de Eurico Santos, entre o meio científico e acadêmico, é um tanto preconceituosa. Era, de fato, um autor voltado ao grande público, dentre adultos agricultores, pecuaristas, avicultores, criadores de aves e mesmo simples curiosos; também era fonte de leitura para crianças e adolescentes, em especial aquelas que começavam seu interesse pelos assuntos da natureza:

“Pudesse eu contagiar aos meus leitores a admiração pelas aves, o interesse pelos seus costumes e o respeito pelas suas vidas, tão sagradas quanto as nossas, e teria conseguido o principal desejo que me guiou, ao escrever este livro” (Prefácio de “Da ema ao beija-flor”, 1979).

Ocorre que Eurico destacava muito mais as qualidades morais da época, atribuindo-as às aves e, desta forma, pouco expunha da base técnica oferecida pela ciência etológica, em ascensão naquele período. “Assim, o João de barro era industrioso, casto, trabalhador, pacífico, 'honesto como um santo'. As andorinhas eram 'exemplos vivos de mansidão, amor fraterno, fidelidade e benemerência' trechos que apareciam cercados de “dezenas de outros exemplos de amor maternal, conjugal e cooperação social (Duarte 2006). É que, por ocasião do Estado Novo, Eurico fez coincidir sua estratégia de convencimento de proteção à natureza, com os conceitos difundidos pelo governo: um novo homem trabalhador e centrado na família, a ser amparada e protegida pelo Estado por meio da previdência social e habitacional (Duarte 2006).

Essa estratégia, embora fortemente criticada por alguns estudiosos contemporâneos, surtiu efeitos bastante positivos, o que pode ser comprovado pelas inúmeras edições de suas obras mais popula-

res. Os livros “Pássaros do Brasil” e “Da ema ao beija-flor”, por exemplo, tiveram respectivamente 6 e 4 reedições, todas elas esgotadas rapidamente e, desta forma, representando valioso filão editorial.

Embora tivesse produção totalmente voltada ao leigos, suas obras muito influenciaram toda uma geração de cientistas ornitólogos e, provavelmente, são a razão para que inúmeros estudiosos das aves tenham inclinações para um conhecimento da natureza como um todo e não apenas de especialidades.

Bem da verdade, eram raríssimos os livros que podiam ser consultados por leigos e pesquisadores iniciantes desde o Século XIX até o início da Década de 80 seguinte e, mais das vezes, visavam fornecer bases para o suprimento de conteúdo curricular do ensino médio (Straube 2007). Hitoshi Nomura (2005) dá uma razoável listagem de autores e títulos, dos quais destacam-se Emílio A. Goeldi com seus “Aves do Brasil” (1894) e “Album de Aves Amazonicas” (1900-1906), bem como o “Dicionário dos animais do Brasil” de Rodolpho von Ihering (1968).

Um dos legados de Eurico foi a popularização/classificação das aves em três grupos que serve até hoje como ferramenta didática e mnemônica: o primeiro grupo (non passeres) que iria “da ema ao beija-flor”, o segundo (passeres Tyranni, antigamente Suboscines): “pássaros que gritam” e, por fim, os “pássaros que cantam” (passeres Passeri, antigamente Oscines). Esse esquema de mentalização têm grande importância intuitiva, facilitando a distinção dos vários grupos de aves de acordo com sua evolução e classificação.

Conceito dos mais importantes em toda a vida e obra de Eurico Santos foi o do conservacionismo. Em todos os seus livros e demais contribuições, sempre foi notável a sua preocupação com a preservação dos recursos naturais. Isso fica muito claro em “Proteção à fauna indígena” de 1948, onde lista os efeitos lamentáveis da caça, declínio de algumas espécies, legislação e sua prática, educação ambiental, criação de animais em cativeiro visando repovoamento e criação de unidades de conservação.

Como observa o saudoso Roberto Gonçalves de Oliveira (1978): Eurico era “conservacionista por índole e por convicção, às vezes encolerizava-se ante a constatação do morticínio das aves. Na única vez em que visitou o Rio Grande do Sul, integrando uma comissão de inspeção junto às vinícolas interioranas, verificou a ausência de aves na região de colonização italiana. Isso fez com que produzisse um veemente libelo, constante na página 171 de seu livro ‘Pássaros do Brasil’”. Parte desse manifesto consta em Santos (1948:6):

“Em Caxias e Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, quando lá estive há cerca de 14 anos, visitando a região vinhateira, causou-me surpresa a ausência quase absoluta de pássaros. Soube então que a colônia estrangeira de lá havia devorado a passarinhada com fubá (Conf. feita na Rádio Roquette Pinto)”.

No fim dos anos 50, época do otimismo e progresso pregado por Juscelino Kubitschek, no qual a fundação de Brasília foi celebrada pela derrubada de uma árvore por um trator de correntes, um grupo de proto-ambientalistas se erguia contra o histerismo popular desenvolvimentista, naquele tempo quase unânime na população brasileira. Um desses naturalistas era Eurico Santos, já com vasta e reconhecida produção literária que abonavam seus propósitos.

Não há nenhuma dúvida que, produzindo a quantidade imensa de material jornalístico e bibliográfico que produziu, Eurico tenha

sido um dos mais eficientes defensores do meio-ambiente em sua época e, ainda, em todos os tempos no Brasil. Ensinaamentos de como evitar a morte desnecessária de alguns animais como cobras, sapos e vários insetos todos malvistas pela sociedade por um espectro mítico que perdura até os dias de hoje, eram marca registrada do autor. Assim, agindo do particular para o específico, Eurico expunha suas idéias e, aos poucos, ia criando uma espécie de sentimento de protecionismo à natureza. Em seu livro “Animais nocivos”, por exemplo, Eurico desmistifica quase todos eles, tal como na passagem: “*Nem por figurar entre os luzeiros do céu, marcando argupamentos de estrelas, no signo do zodiaco, o escorpião tornou-se mais simpático ao homem*” (Santos 1957).

Eurico recebeu várias homenagens, dentre elas o de “Publicitário do Ano” (1960) e, das mãos do presidente Juscelino Kubitschek, ganhou a medalha do Mérito Agrícola (1960). O Museu Fritz Müller (Blumenau, Santa Catarina), fundado em 1936, possui a “Sala Eurico Santos” com animais empalhados, expostos em dioramas e pictogramas. Em 1972, quatro anos após o seu falecimento, a Sociedade Brasileira de Zoologia prestou-lhe uma homenagem, quando do congresso realizado em São Paulo.

Com 75 anos incompletos, Eurico Santos faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 24 de fevereiro de 1968, ano que a ciência brasileira também perdia Ernst Marcus, um dos mais destacados zoólogos de todos os tempos. Em compensação, naquele período, já eram pesquisadores respeitados os então sexagenários João Moojen e Mário Autuori e, contando com idades entre 40 e 60 anos: Mesias Carrera, Helmut Sick, Herbert F. Berla, Jesus Moure, José Cândido de Melo Carvalho, Augusto Ruschi, Hélio F. A. Camargo, Paulo E. Vanzolini, Fernando C. Novaes, Rolf Grantsau e Cory de Carvalho. O autor desta biografia não tinha nem três anos de vida, sendo somente em 1980 é que ganhou de presente um exemplar do “Pássaros do Brasil”, livro que o inspirou muito em sua iniciação à Ornitologia.

PRODUÇÃO E EDITORAS

A obra de Eurico Santos é assombrosamente vasta. De acordo com seu maior biógrafo, Hitoshi Nomura (2005): “*Ninguém reuniu os artigos que ele publicou nesses periódicos, que deve atingir a casa dos milhares*”.

Apenas por esse motivo já há razões suficientes para que novas incursões sejam levadas a efeito no sentido de resgatar informações históricas, de conteúdo deste material e particularmente das instituições que viram nele uma grande oportunidade editorial.

Provavelmente a primeira intervenção literária ligada à divulgação da natureza produzida por Eurico Santos foi a chamada “Coleção Artística Roche”, que consistia de encartes que acompanhavam alguns produtos desta grande empresa farmacêutica¹ contendo pranchas coloridas, em número de 24, encadernadas com brochura, todas com um texto explicativo.

Ao menos cinco desses materiais de propaganda são de autoria de Eurico Santos: “Aves do Brasil”, “Árvores do Brasil”, “Peixes de Aquário”, “Orquídeas Brasileiras” e “Borboletas do Brasil” e um deles é datado de 1918 (sob a forma: “Rio-918”) sendo dedutível que tenham surgido todos entre as décadas de 10 e 20. Outro detalhe bibliográfico interessante é que as pranchas (medindo cerca de 21x15 cm) são de autoria de Mirian Colonna (desenhista residente no Rio de Janeiro) e todas elas constam deter “direitos reservados” à Escola Nacional de Belas Artes. Esse material, disponível atualmente apenas em posse de colecionadores é uma grande raridade mas, sem dúvida, é uma das primeiras iniciativas brasileiras de se divulgar os componentes da natureza, mediante ilustrações e textos confiáveis.

¹ Notadamente os produtos Benervá[®] (Vitamina B1), Redoxon[®] (Vitamina C), Dígale (digitalina: cardio-regulador), Xarope Roche “ao Thiocol” (anti-tussígeno, expectorante), Di-iodo Tirosina Roche (hormônio tireoidiano antagonista da tiroxina), mas vários outros.

Árvores do Brasil

França N.º 1 - Pau Brasil

Eurico Santos

Ao estudar esta espécie religiosa de árvores, indígenas ou exóticas, que em nossos tempos vivem, rapidamente tornamos de rebórum a domus em lugar de destaque, a fames e hibernos querubim (Cassipouira religiosa), leguminosa que vive a sombra de associações por nome a que deu maiores legumes da terra.

Nos anos de grande vegetal não conta que tenhamos lavoura nenhuma a qualquer outra espécie.

Quando aqui apareceram as caracóis do Ceará, notaram logo os descobridores da nova terra que não viviam a parafusada, a abstração do indígena, como semelhante ao Brasil, lençóis, lavandaria, lavandaria, espécie exótica que conheciam.

E quanto aos 2 verdadeiros que já de rebórum a Portugal, uma das novas lavandarias do descobridor, e tanto do famoso pinde-linha.

Diferença de dois estilos a papel histórico do pau-brasil, pois descoberto ao longo do litoral no ponto que hoje se chama Lavandaria, e também para explorar tal riqueza e não apenas a importância se tornou a exploração e o comércio comércios que a região passou a ser conhecida por terra do pau-brasil, terra do Brasil e finalmente Brasil.

Uma outra procedência afirma o de Vera-Cruz e Santa-Cruz, mas com duplo do dos homens de então, chegando mesmo a citação João de Barros, em sua "Década" a finalmente admitindo que os nomes são infelizes se mudassem "por influência do diabo para que não fizesse mais".

Sepa como foi, a árvore que, pelas circunstâncias descritas, deu o nome ao nosso país, mereceu por sua fama, uma cuidadosa atenção que infelizmente não lhe correspondeu.

No ano de 1828, dois estudiosos brasileiros Bernardino José de Sousa e Gal. X. L. Pereira Ferraz escreveram a respeito que todos são, acompanhando com belhos dois volumes famosos "O pau-brasil no Império Nacional", de autoria do primeiro e "Terra da Ilustração" da autoria do segundo.

A árvore histórica é frondosa e de regular porte, chegando a atingir 10 metros, sendo conhecida em exemplar que plantado em 1872, ainda existe na estrada de Tijucas.

O Jardim Botânico do Rio possui muitos exemplares em vários locais de aclimação.

A esta leguminosa delicada, quasi rasteira, e de um verde claro, desmanchado, Simplici, Magnifica, árvore-linha, leve, lençóis.

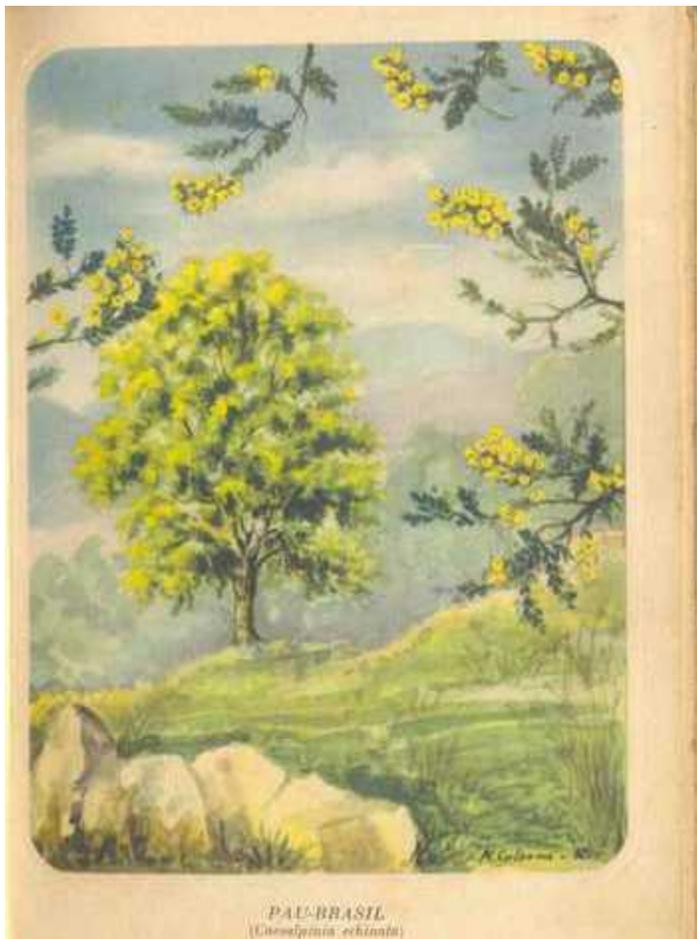
O crescimento de Cassipouira echinata é como o do Brasil, lento, mas vigoroso.

E uma árvore, de Lavandaria, que a descobriu em primeiro lugar, em 1789, que era muito grossa e muito grande, e cujo nome substituído se acha atualmente de espécies raras e seguras. São raras espécies longamente, suas folhas são bipinadas e se ficam arredadas que nascem em ramos que são ramos de lençóis, de facilidade, vermelha. O fruto é uma vagem chata, curta, com espinhos.

O nome completo mostra a variedade de variedades da terra. A madeira, que é de primeira qualidade, empregada em tapetes, construções civis e industriais, mas a seu valor também que também importância de madeira, devido a ser preciosa.

O pau-brasil, que existia principalmente no litoral, desde o Rio de Janeiro ao Rio Grande do Norte, hoje segundo a história G. Kullmann, não é freqüentemente encontrado.

Temos, pois, pela bela árvore, como se fosse uma religião da nacionalidade.



PAU-BRASIL (Cassipouira echinata)

Peixes de Aquário

França N.º 1 - Acara-bandeira

Eurico Santos

No aquário mineral dos aquaristas, o acará-bandeira (Pteropoma epiplatys) é o rei dos peixes de aquário.

Inquietante e curioso a sua figura, com seus soberanos e majestuosos ritos e vestígios de fundo dos aquários, temido por a similar, que assim devem ter as paisagens silumeras das profundidades fluviais, onde abrigaram os pilares verdes, a rima encantada das larvas e outros diversos indolentes que se não movem no fundo de lago e lagos, ao mesmo tempo no círculo da grife semelhante que habita o rio das águas.

O acará-bandeira, que é azul-verde-oliva-prateado, armado de três listras verticais estrias amarelas, cabeça lúbrica e exageradas mandíbulas ferozes e azuis, que lhe emprestam figura rombosa muito fúria e esparta.

As mandíbulas ventrais prolongam-se em hastes, que se encurvam no sentido do corpo.

Em seu habitat natural, da bacia amazônica, nas lagoas, ensejos, rios, águas tranquilas, sempre com abundante vegetação aquática, vem-lhe nadando em pequenos bandos, próximos das margens, raramente no meio do corrente.

Nos aquários mantém-se com elegância e minúsculo, extenuado se que lhes apreciam as evoluções como se fossem minúsculas goletas empovoadas.

Nos pequenos mundinhos do aquário bem se assem a estão contentes, comendo, nadando e se reproduzindo.

Entre setembro e maio, aqui no Distrito Federal, o acará-bandeira cuida da reprodução da espécie.

A fêmea mede em tamanho, entre 10 e 25 cm, do fundo do aquário, onde cresce plantas. Efeito o local, a fêmea, com cuidados maternos, começa por proceder a uma preliminar limpeza no fundo ou lado em que vai depor os ovos. O macho, em regra, também dá uma ajudinha moderada.

Avulsos a importância dessa operação preliminar pelo fato de demorar-se geralmente três dias, tanto se quanto se inicia a postura, em séries de 8-15 ovos, medindo entre cada série, 5 a 10 minutos.

A preparação que se deve ao depósito, o macho se livra.

Uma fêmea nova põe 30 ovos ou pouco mais, porém, uma adulta, em dois embriões, poderá pôr até 1200 ovos.

Nessa fase transcendental, o casal não admite que o perturbe e se arrua tal sucesso, de desiquo desmancha toda a postura e, como hábito, como os filhos embora ainda embriões.

Para a postura, sem incidentes, a par fica nas imediações para defender a grife, em metálica, e, ao fim de 40 horas surgem os alevins.

Nascem e se também atrevidos as listras onde surgiram, logo durante um dia, de 14 dias, e se mudam ainda e mudam-se de um lugar para outro, apinhando-se na boca e logo projetando-se para o lugar em que devem ficar.

Durante os primeiros dias em que já nadam, igualmente os pais os acompanham. Ao fim de 12 dias, já vivem por conta própria e aos 15 dias já mostram o aspecto, além da rima, em minúsculo.

O acará-bandeira atinge 10 cm de comprimento, por outro tanto de altura e até mais.

Existem três espécies, entre as quais P. affinis, que mede mais ou menos 14 cm, de comprimento por 22 cm, de altura. Todos são belos ornamentos de aquários, onde chegam a viver durante dez anos.



ACARÁ-BANDEIRA (Pteropoma epiplatys)

FIGURA X. Alguns detalhes dos encartes lançados pela Roche, em sua "Coleção Artística", verdadeira raridade e que teve Eurico Santos como um dos colaboradores.

Anos depois, Eurico passou a escrever obras de grande porte, as quais foram publicadas por várias casas editoriais que interessaram-se por sua produção que, como dito, tornou-se um grande e lucrativo filão editorial. A primeira delas foi a tradicional “F. Briguei e Cia Editores” (posteriormente Briguei-Garnier) do Rio de Janeiro que publicou o “Manual do amador de cães” (1927), obra que contou com seis reimpressões e cinco edições só por essa editora, entre 1927 e 1971 (mais outras três pela Itatiaia, *vide* adiante).

Foi também por essa editora que lançou os dois clássicos da Ornitologia brasileira: “Da ema ao beija-flor: vida e costumes das aves do Brasil” (1938, 1952 e 1956) e “Pássaros do Brasil: vida e costumes dos pássaros” (1940, 1948 e 1960). Depois, tentando abranger todos os grupos zoológicos, apareceram: “Anfíbios e répteis do Brasil” (1942 e 1955), “Manual do lavrador brasileiro” (1944), “Entre o gambá e o macaco” (1945), “Caças e caçadas” (1950), “Nossos peixes marinhos” (1952), “Os peixes de água doce” (1954), “Moluscos do Brasil” (1955), “O amador de pássaros: captura, manutenção e criação” (1955) e “O mundo dos artrópodes” (1959).

A também fluminense “Editora O Campo Ltda” publicou parte de suas obras a partir dos anos 30. O livro pioneiro, pelo que pudemos apurar, seria “Avicultura: fonte de riqueza” em 328 páginas, lançado originalmente nos anos 30 (data ignorada) e com pelo menos uma reedição em 1938. Tal com os demais editados por esta casa, fez parte da chamada “Coleção Agrícola O Campo (Brasil)” que agregou também os livros “Veterinária Prática”, “Inimigos e doenças das fruteiras” (1934), “Formigas, rãs e outros animais” (1941) e o clássico “Dicionário de avicultura e ornitotecnica” em coautoria com Eusébio de Queirós em dois volumes, sendo o primeiro contendo verbetes entre A-I (1934-1936) e, o segundo, abrangendo as letras J-Z (1936-1938), totalizando 448 páginas.

Ao mesmo tempo em que publicava obras de maior porte pela “O Campo”, também produzia pequenos folhetos ou livretos (geralmente 16, mas até 56 páginas) por outras editoras, destacadamente na revista “Chácaras e Quintais”.

Cabe lembrar que este periódico (originalmente “Chácaras e Quintais”), na realidade, era também uma editora homônima, idealizada (1909 e 1910) e coordenada pelo conde Amadeu Amidei Barbiellini e que publicava “monografias práticas” de uma “Biblioteca Agrícola Popular Brasileira”. Além da série “Vamos para o Cam-

po!”, a iniciativa lançou também vários livros versando sobre avicultura, agricultura e inúmeros outros assuntos. Localizada em uma grande sede na Rua Tabatinguera, em São Paulo, a editora publicou, por exemplo, obras como “Da vida dos nossos animais” de Rodolpho von Ihering, “Animais veneniferos, venenos e antivenenos” de Afrânio do Amaral e “O Jardim Botânico de São Paulo” de Frederico C. Hoehne e colaboradores.

Amadeu, que veio ao Brasil para colaborar com Oswaldo Cruz na pesquisa da febre amarela em Manguinhos, era também entomólogo e possuía uma coleção particular de insetos, tendo criado a revista “O entomologista brasileiro” e se destacou como divulgador das ciências naturais. Depois de 61 volumes, a revista parou de ser lançada em 1970, sendo sucedida pela “Avicultura Industrial”, que é distribuída até os dias de hoje.

Sob a chancela desta revista, Eurico lançou “Fruticultor moderno” (1932), “Nossas fruteiras” (1932), “As cobras venenosas: como conhecê-las e evitá-las – Tratado de Ofidismo” (1943), “Cultura do amendoim” (1947), “Cereais: milho, aveia, arroz, centeio e cevada” (1947), “Proteção à fauna indígena” (1948), “Crie perus e ganye dinheiro” (1953), “Aves de luxo, esporte e utilidade” (1955, com reedição em 1965), “A cabra leiteira” (1956) e “As penas das aves” (1962). Ao mesmo tempo, pela Editora Moderna (Rio de Janeiro), publicou em 1934 “O que todos os criadores devem saber”, obra com 174 páginas e, pela Editora Século XXI (também fluminense) aparece, em 1942, o livro “O cão através da história e da arte” com 164 páginas.

No ano de 1944, a convite da editora Kosmos e do editor E. Eichner, Eurico empenhou-se na tradução do livro “*Ornithologia brésilienne ou Histoire des Oiseaux du Brésil, remarquables par leur plumage, leur chant ou leurs habitudes*” de autoria do naturalista francês, radicado no Brasil, Jean Théodore Descourtilz. A obra foi publicada em dois volumes com o título “Ornitologia brasileira ou História Natural das aves do Brasil notáveis por sua plumagem, canto e hábitos”. Esgotada, a Editora Itatiaia (*vide* adiante) interessou-se por reeditá-la em 1983, o que culminou com novo título “História natural das aves do Brasil (ornitologia brasileira) notáveis por sua plumagem, canto e hábitos”. Considerada a segunda edição em língua portuguesa, essa nova versão conta com 223 páginas, ilustrada por Branca de Castro (capa) e pelas aquarelas originais de Descourtilz; também apresenta um prefácio redigido por João Moojen.

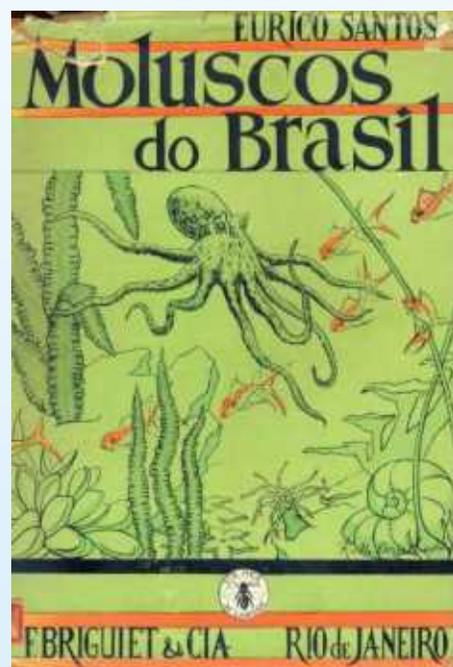
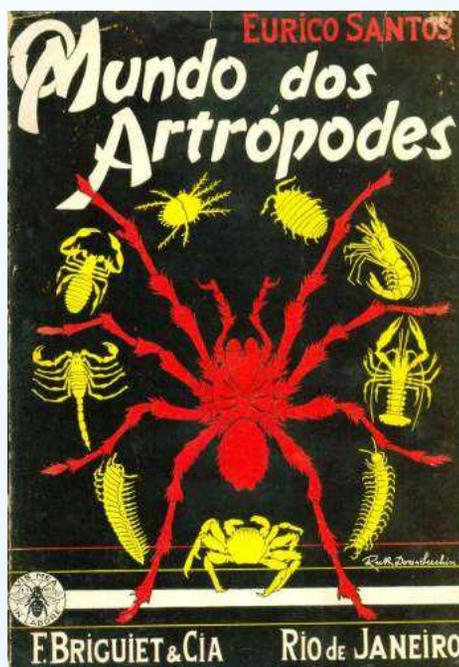
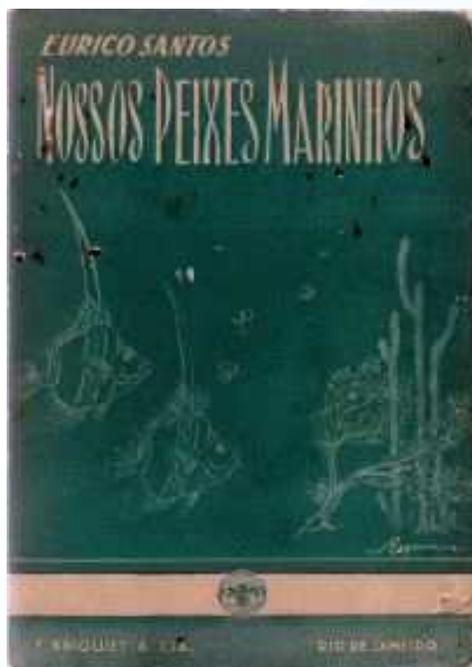


FIGURA X. Capa de obras de Eurico Santos, quando editadas pela F. Briguei.

A Livraria Kosmos & Editora Ltda. é uma das empresas editoriais mais tradicionais do Brasil, fundada em 1935 por imigrantes austríacos e estabelecida no mesmo ponto onde até hoje funciona no centro antigo do Rio de Janeiro (Kosmos 2008). De visão basicamente técnico-científica, essa editora centrou-se, ao longo de sua história, em títulos ligados à agropecuária, meio-ambiente, ciências exatas, sendo uma das mais destacadas deste ramo. Daí o interesse em intervir, já na década de 40, no trabalho de Eurico Santos.

Entre 1948 e 1966, Eurico passa a contribuir com pequenos opúsculos editados pelo Serviço de Informação Agrícola. Desse período são de sua autoria uma série de publicações, algumas delas com quarenta e poucas, outras com mais de duzentas páginas, sempre ilustradas. Os títulos que puderam ser resgatados são “Combate aos ratos” (1948, reeditado em 1960), “Serpentes peçonhentas” (1952), “Proteção à fauna” (1954), “O homem e a fauna do Brasil” (1955), “Animais selvagens: aprisionamento, cativo, amansamento, domesticação, utilização” (1956), “Animais nocivos” (1957), “O que convém saber sobre moscas e mosquitos” (1957), “O urucu” (1958), “O mundo animal que nos cerca” (1958), “Animais silvestres que nos são úteis” (1961), “Contribuição à zoologia agrícola do Brasil” (1966) e “Histórias do caçador que nunca mentiu” (1966).

O chamado Serviço de Informação Agrícola (SIA), criado originalmente em 1938 como “Serviço de Publicidade Agrícola”, era um órgão editorial do Ministério da Agricultura, com atribuição de divulgar informações técnicas das mais variadas, mas sempre relacionadas ao meio-ambiente, agricultura e pecuária. Uma de suas milhares de publicações, por exemplo, foi a tradução do conhecido livro “*Through the Brazilian Wilderness*” ou “Nas selvas do Brasil”, de autoria de Theodore Roosevelt (1948).

Neste ínterim, Eurico Santos chegou a publicar, por intermédio das edições O Cruzeiro, o grande livro “Histórias, lendas e folclore de nossos bichos” (1957) em volumosa publicação de 409 páginas, depois reeditada pela Itatiaia.

Em 1979, suas obras passaram a ser consideradas pela Ediouro. Essa casa editorial ficou muito conhecida pelos livros de bolso, enviados por reembolso postal e pela revista Coquetel, e contando atualmente com mais de 7000 títulos enfocando literatura brasileira e estrangeira das mais variadas áreas, incluindo manuais, romances, livros técnicos, etc. Iniciada pelos irmãos Jorge e Antônio Gertum Carneiro ao fim da Segunda Grande Guerra, a empresa iniciou como importadora de livros e papel vegetal e agenciadora de assinatura de revistas estrangeiras. Tinha o nome de Publicações Pan Americanas e, mudando seu ramo graças à ampliação de suas atividades e investimentos, passou a editar e traduzir livros técnicos, agora sob a denominação de Editora Gertum Carneiro (Ediouro s.d.). A partir do início da década de 60 passou a publicar as famosas “Edições de Ouro”, que se tratavam de alternativas mais baratas para aquisição de livros, o que era especialmente oneroso naqueles tempos de recessão econômica.

Foram apenas dois os títulos de Eurico Santos republicados pela empresa: “Histórias, lendas e folclore de nossos bichos” em 1978 e “Como cultivar hortas e pomares” de 1979. De fato, a importância do nicho editorial de Eurico foi apenas largamente explorado alguns anos depois e especialmente na década seguinte.

Tratava-se da belohorizontina Editora Itatiaia, especializada em vários temas, com grande ênfase em história natural, zootecnia, agronomia e história. Essa empresa foi certamente a que mais divulgou o legado de Eurico e o seu estilo artístico de apresentação de capa é reconhecido e lembrado até os dias de hoje.

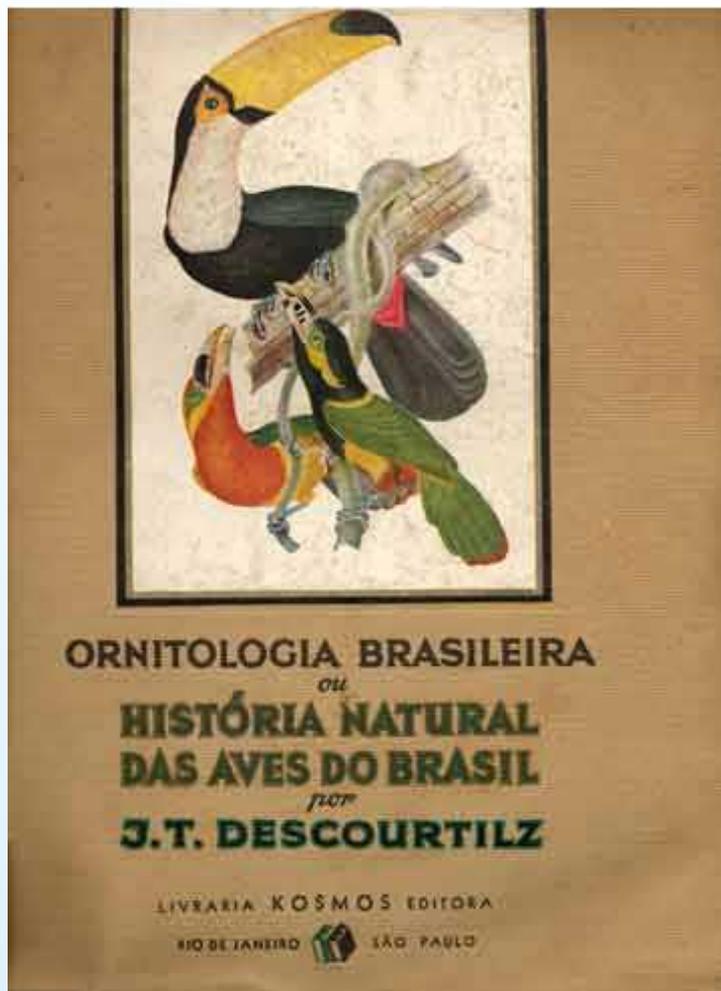


FIGURA X. Capa das duas versões em português do “História natural das aves do Brasil” de Descourtilz.



FIGURA 2. Algumas capas mais recentes das obras de Eurico Santos, na coleção “Vis mea in labore”.

Criada em 1942, a Itatiaia pertencia ao “último grande editor brasileiro”, Pedro Paulo Moreira, que iniciou sua carreira vendendo, de porta em porta, as coleções da editora José Olympio. Aos poucos foi prosperando e, com o tempo, adquiriu e criou outras editoras, de atuação paralela à Itatiaia como a Martins, a Briguier e a Garnier (depois Briguier-Garnier), sob o nome de Villa Rica Editoras Reunidas. Falecido aos 82 anos, Moreira podia se vangloriar da produção de suas editoras, somando mais de 5 mil títulos.

A empresa republicou dezesseis das obras de Eurico desde o ano de 1979 e, segundo informações da própria editora (assinadas por J.E.F., na orelha da quarta edição do “Pássaros do Brasil” de 1979): “Tal é, porém, a quantidade de (excelentes) estudos de Eurico Santos sobre cães, peixes, pássaros, cobras, anfíbios e répteis, moluscos, insetos, etc. etc., que foi preciso dividir sua vasta obra em duas coleções”.

Referiam-se à “Vis mea in Labore”, com títulos voltados à parte prática de criação de animais e “Zoologia Brasílica”, relacionada com a história natural pura e simples².

Alguns detalhes bibliográficos são melhor explanados na passagem:

“Em edição anterior de um dos livros de Eurico Santos [...] tivemos oportunidade de salientar a feliz aquisição que a Itatiaia fizera do acervo da antiga editora Briguier-Garnier, no qual se incluíam mais de duas dezenas de trabalhos do grande zootecnista brasileiro. Tanto que mantivemos a divisão que Eurico Santos deles fizera: a série 'Vis Mea in Labore' e a coleção Zoologia Brasílica, de que aqui apresentamos o 4º volume, Da Ema ao Beija-Flor” (orelha de “Da Ema ao Beija-flor”, edição de 1979, assinada por J.E.F.).

Esse projeto, que mereceria um destaque especial na história editorial brasileira, foi certamente um esforço efetivo de ligação entre o conhecimento técnico, de posse dos cientistas, e a informações de interesse do público leigo contemporâneo. Isso porque, até meados de década de 70, a maior parte das edições antigas dos livros de Eurico Santos encontravam-se esgotadas. Até os dias de hoje vários títulos também desapareceram das estantes das livrarias, tornando-se raridades.

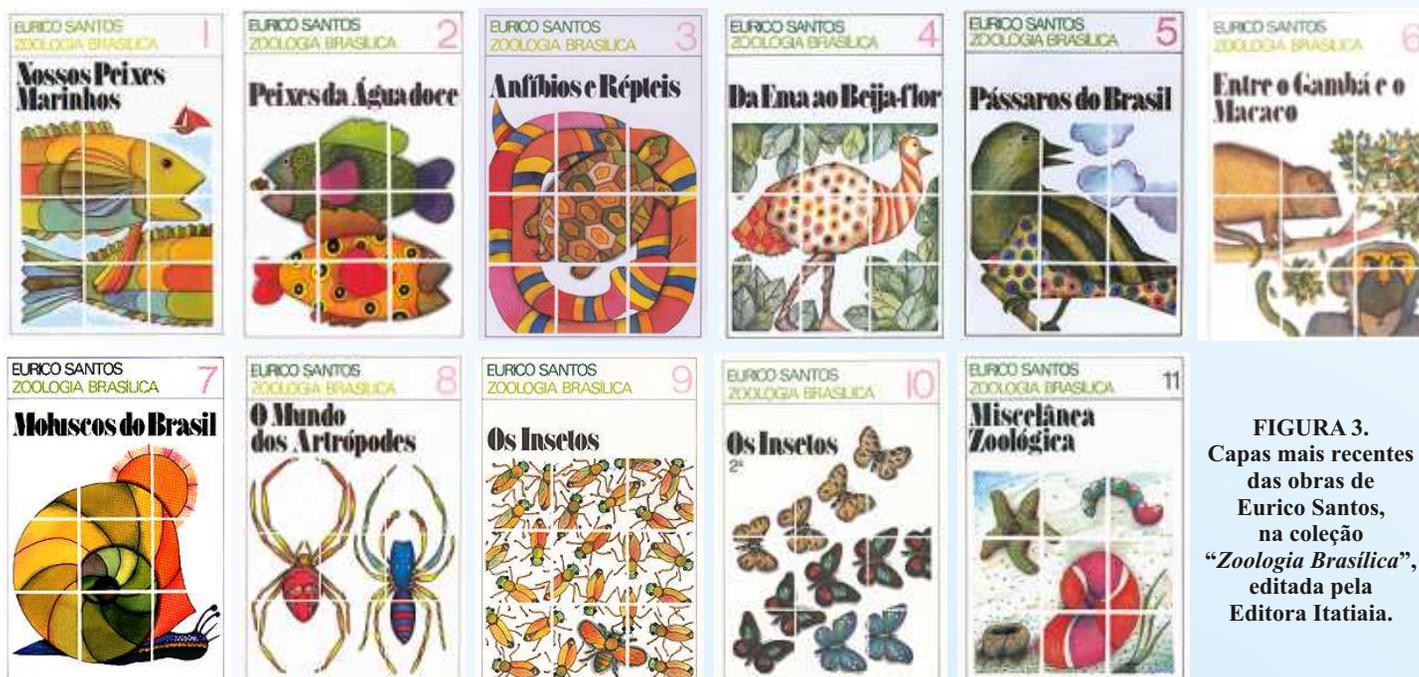


FIGURA 3. Capas mais recentes das obras de Eurico Santos, na coleção “Zoologia Brasílica”, editada pela Editora Itatiaia.

² Outrora, ambos os temas eram publicados, pela F.Briguier, como coleção “Vis mea in labore”.

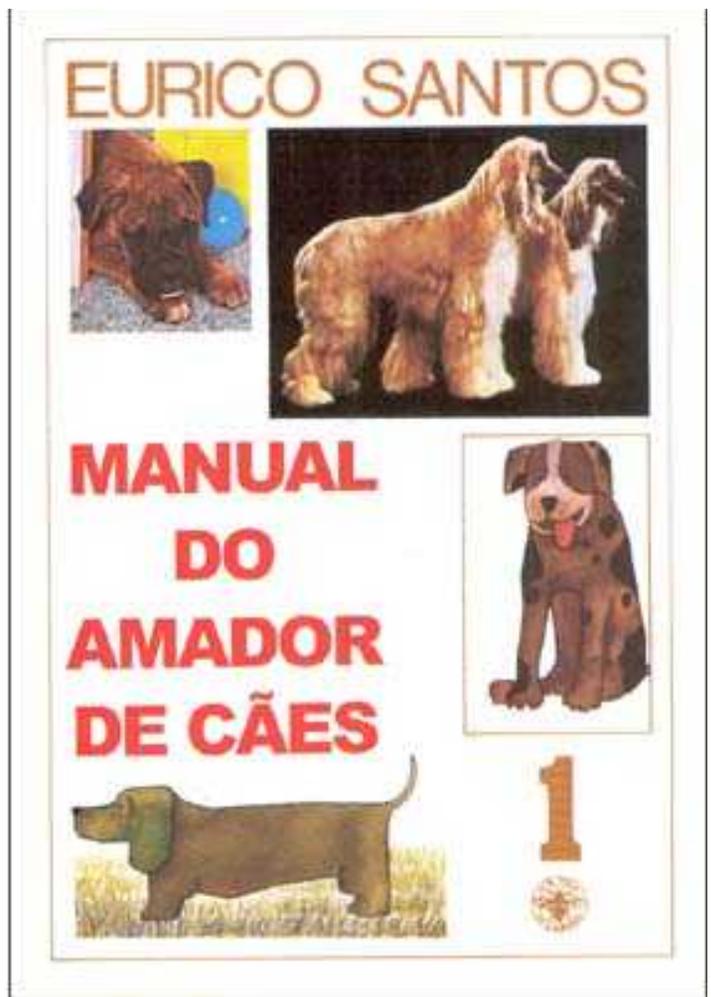
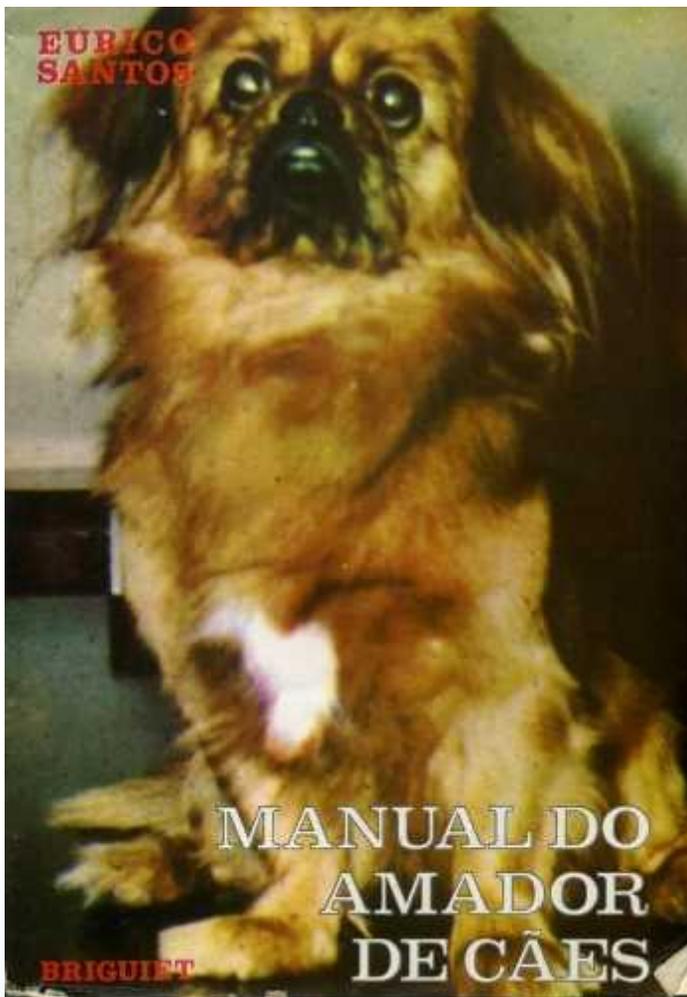


FIGURA X. Manual do amador de cães, na capa original da editora Briguiet e, em nova apresentação, pela Itatiaia que reimprimiu-o em 1980, 1989 e 2004.

Sob este panorama, a Itatiaia reeditou nada menos do que todas as obras antes produzidas pela Briguiet-Garnier, a partir do “Da ema ao beija-flor” e do “Pássaros do Brasil”, ambos em 1979, o primeiro com reimpressão em 1980 e, o segundo, em 1985 e 2004. Estes livros foram invariavelmente ilustrados pelos desenhistas de sempre: Branca de Castro (capa), Mirian Colonna, Ruth Doris Secchin e Eraldo Faria que imprimiam um estilo todo peculiar, muitas vezes fantasioso, à temática. A mesma editora também lançou obras inéditas de Eurico como o “Miscelânea zoológica” (1974, 1987), “Pesca e piscicultura” (1977, 1985), “Nossas madeiras” (1987) e “Apicultura: a ciência da vida longa” (1987).

Essa é uma pequena, modesta e incompleta revisão bibliográfica do legado de Eurico Santos, preparada como subsídio a futuras investigações sobre a vida e produção deste grande divulgador da natureza brasileira. Como todos os estudiosos da história das ciências no Brasil, aguarda-se por um trabalho de catalogação mais amplo e, desta vez completo, contendo todos os títulos publicados por ele, o que nos daria uma visão muito mais adequada da envergadura de sua obra.

Por fim gostaria de expor uma certa indignação ao preconceito movido contra o estilo apresentado em seus livros, particularmente pelo meio técnico-científico, que geralmente o trata por fantasioso ou romanceado. Deve-se lembrar que suas obras consistiram de um dos mais importantes passos para a formação de muitos zoólogos brasileiros contemporâneos que, no início de seus estudos (muitos deles ainda crianças ou adolescentes), não dispunham de literatura mais especializada e, muito menos, acesso a publicações em periódicos científicos.

Justiça seja feita: que seria de muitos zoólogos brasileiros – hoje respeitados no mundo científico – sem a leitura aos tantos títulos produzidos por Eurico Santos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EDIURO (s.d.) **Sobre a Ediouro.** Website da Empresa Ediouro Publicações. Disponível on line em <http://www.ediouro.com.br>; acessada em 21 de abril de 2008.
- Duarte, R.H. (2006). Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção (1894-1938). *Latin American Research Review* 41(1):3-26.
- Goeldi, E.A. (1894). **As aves do Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria Classica de Alves e Cia. 311 pp.
- Goeldi, E.A. (1900-1906). **Album de aves amazonicas.** Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves e Cia., n.p., 24 pranchas.
- Ihering, R. von. (1968). **Dicionário dos animais do Brasil.** Brasília: Editora UnB. 790 pp.
- KOSMOS. (2008). **Quem somos.** Website da Livraria Kosmos e Editora Ltda. Disponível online em <http://www.kosmos.com.br>; acessada em 21 de abril de 2008.
- Martini, A.J. (2004). **O plantador de eucaliptos: a questão de preservação florestal no Brasil e o resgate documental do legado de Edmundo Navarro de Andrade.** São Paulo, USP: Curso de Pós-graduação em História Social. Dissertação de Mestrado. 320 pp.
- Nomura, H. (1969). Eurico Santos (1883-1968). *Ciência e Cultura* 21.
- Nomura, H. (1976). Quem foi Eurico Santos (perfil de um naturalista). *O Tico-tico* (São Paulo).
- Nomura, H. (2005). O grande divulgador Eurico Santos. *Atualidades Ornitológicas* 123:4-5.
- Nomura, H. (1997). **Vultos da Zoologia brasileira.** Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, Volume 931:88-89.
- Nunes, O. J. (2006). José Reis e o pioneirismo no estudo da doença aviária. *Placa de Petri* 7(27), disponível online em <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/espinal/placa27b.htm>, acessada em 10 de outubro de 2007.
- Oliveira, R.G. de. (1978). Eurico Santos: vida e obras (1883-1968). *Natureza em Revista* 5:8-9.
- Oliveira, R.G. de. (1983). Eurico Santos (1883-1983): primeiro centenário de nascimento. *Sulornis* 4:5-6.
- Santos, E. (1948). **Proteção à fauna indígena.** São Paulo: Editora Chácaras e Quintais. Biblioteca Agrícola Popular Brasileira, Coleção Vamos para o Campo!, n° 39, 16 pp.
- Straube, F.C. (2007). Rodolpho von Ihering e alguns documentos raros sobre a nomenclatura zoológica científica e popular em Português do Brasil. *Atualidades Ornitológicas* 137:33-39.

Hori Consultoria Ambiental (<http://www.hori.bio.br>)
E-mail: urutau@mulleriana.org.br